

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens me ipsum  
ad destinatum persequor, ad h. avium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu,

ID. 13. 14.



## DR. NICOLAU PEREIRA DE MENDONÇA FALCÃO

Contristou-nos sobremaneira a dolorosa noticia do fallecimento, na sua quinta de S. Salvador, junto de Vizeu, em 3 do corrente, do ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão! O passamento d'este illustre e illustrado cavalheiro deixou de lucto muitas das mais distinctas familias portuguezas, a grande familia catholica, e a nossa revista, que muitas e mui grandes sinezas devia a tam santo varão.

Era o nobre snado um d'aquelles caracteres portuguezes de lei, cujo numero vae infelizmente diminuindo cada vez mais n'estes tempos chamados de progresso e civilisação: fidalgo de sangue, era-o ainda mais nas acções; catholico por nascimento e educação, era-o verdadeira e ardentemente na practica; dera-lhe Deus fartas riquezas, das quaes a caridade lhe ensinava a fazer uso evangelico; entusiasta da honra, era um dos seus mais sinceros e briosos exemplares; n'uma palavra, a piedade e a virtude eram o norte e a estrella polar d'aquelle coração d'ouro.

Para que os nossos presados leitores vejam quanta amisade e gratidão deviamos ao illustre snado, e quanta magoa e saudade nos causa a sua irreparavel perda, permittam-nos que aqui transcrevamos parte d'uma carta por elle escripta á familia do fallecido fundador do PROGRESSO CATHOLICO:

«Recebi na cama, onde estou ha nove mezes, luctando com uma terrivel molestia, da qual não sei se me verei livre, a triste noticia da morte do snr. José Antonio Teixeira de Freitas, que reputo uma calamidade publica, porque realmente nos nossos tempos ninguem como elle com os meios que tinha fez tantos serviços ao Catholicismo em Portugal. Receba pois V. os meus mais sentidos pesames por tal acontecimento, e eu tambem os acceito, porque tinha até enthusiasmo por aquelle caracter honradissimo e que tanta falta faz aos catholicos portuguezes...»

«Não sei explicar d'outro modo que Deus tire do mundo tam cedo homens como elle e o Padre Rademaker, senão para premiar mais depressa as suas virtudes e serviços feitos á Egreja. Deus o tenha á sua vista; e creia V. que eu, logo que soube do seu fallecimento, mandei celebrar em altar privilegiado na minha capella uma missa de *requiem*, a que assistiu toda a minha familia...»

«Sou e continuo a ser o mesmo amigo e admirador de José Antonio Teixeira de Freitas. Deus dê saude a V. para encommendar ao Senhor tam bella alma.»

Podemos dizer hoje do nobilissimo snado o que elle então disse do fundador d'esta revista: «Não sabemos explicar d'outro modo que Deus tire do mundo tam cedo homens como o ex.<sup>mo</sup> snr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, senão para premiar mais depressa as suas virtudes.» Com effeito, modelos taes de religião e honra parece que deveriam ser eternos, para exemplo e lição do mundo que vae degenerando mais e mais cada dia.

Porem tudo quanto Deus faz é bem feito, embora a nós miseras creaturas muitas vezes o não pareça. Cumpre-nos pois baixar a cabeça, resignar-nos e beijar a mão que nos fere.

O illustre extincto, prototypo de virtude e piedade, modelo heroico de resignação durante nove mezes em que uma cruel paralyisia o conservou pregado ao leito de dor, teve uma morte condigna de tal vida: a d'um santo.

A todos os membros da sua atribulada familia enviamos a sincera expressão dos nossos sentimentos de condolencia, e aos nossos piedosos leitores pedimos uma oração pela alma do nobre snado.

A REDACÇÃO.

SUMMARIO:—O pharol do Calvario, por F. G.—Secção Religiosa: *Invenção da Santa Cruz, e instrumento publico do primeiro apparecimento das cruces, em Barcellos*, pelo Padre Joaquim José Soares.—Secção Scientifica: *A Roma corrupta—Legislação Agraria*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 30.º*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—*A aposentação e o Monte-Pio do Clero*, pelo Padre Raymundo.—Secção Litteraria: *Tribulações d'um pae*, poesia, por A. Moreira Bello; *Martyrio*, poesia, pelo Padre José Maria Ançã.—Secção Bibliographica.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena, por Virgilio de Senna.—*Bibliotheca Romantica, 4.ª folha, O Cavalleiro do Oriente*, versão de Mattos Ferreira.

GRAVURAS: O coelho estimado.

## O pharol do Calvario

*Sedentibus in regione umbræ  
mortis, lux orta est eis.*

(Math. IV, 16).

**M**os antigos tempos, quando no throno da grande Roma se sentava Cesar Augusto, cercado de imensa gloria, e vendo, subjulgados a seus pés, todos os povos do mundo conhecido, jazia o mundo moral nas mais densas trevas da idolatria.

A' excepção da pequena Judea, que já começava a adular a sua religião santa, nascida com o primeiro homem, todas as nações do universo tinham por unico deus as paixões brutaes, e por altar os maiores crimes e torpezas.

Roma era a soberana do universo em tudo; soberana no poder, soberana na opulencia e soberana na depravação.

Se era o centro da supremacia politica, era a sentina de todos os vicios; se era o berço de valorosos guerreiros, era o covil dos maiores facinoras.

A seu lado florescia o jardim, semeado d'abrolhos e flores, onde ella ia respirar o ar vital da alma, a instrução religiosa e scientifica; a seu lado florescia a illustre Athenas d'onde brotava, com algum vigor, a mimosa planta da sciencia humana.

Do seio dessa pequena cidade levantava-se, de tempos a tempos, um desses vultos descommunes, que lançando a vista em redor de si e não vendo senão trevas, ignorancia e erro, se esforçava por descobrir a luz da verdade.

Chamavam-se philosophos.

A sua doutrina, apesar de involver innumerados erros, continha excellentes maximas de moral. Vendo que os homens se entregavam a toda a especie de vicios, não reconhecendo outro fim, mais que o prazer sensual, applicaram-se a descobrir, em que consistia a bemaventurança do homem.

Periando fel'a consistir na honra; Narciso na sciencia, e Epicuro na deleitação e prazer.

Porem meras theorias sem realidade!

Elles mesmos chegaram a conhecer a sua falsidade e absurdo.

Quando o tumulto se abriu a seus pés para os receber, debalde se mostravam resignados e satisfeitos; no seu coração existia um vacuo que ainda não tinha podido prehencher, e no seu

rosto via-se expressa a maldição contra a mão poderosa, que os arrebatava tão cedo ás alegrias do mundo.

E todavia as suas theorias e hypoteses eram a unica luz do mundo pagão.

As suas maximas, palidas phosphorencias da razão, eram o unico pharol que havia, para conduzir o genero humano ao seu fim derradeiro.

O mundo, em religião, era um chaos tenebroso. O unico ponto de verdadeira luz, a revelação mosayca, ia-se já amortecendo, e acabaria por se apagar de todo, se um outro astro, mais brilhante, não viesse substitui-lo.

E veio. No reinado de Augusto appareceu em Belem, ainda estrella; no imperio de Tiberio brilhou, no cume do Golgotha, como um sol.

E depois começou logo a regenerar o universo, dissipando, com as scintellas fulgurantes da verdade, as trevas densissimas do erro, extinguindo a escuridão da ignorancia, e desfazendo o assombreado da duvida. Os philosophos e sabios do seculo, vendo apparecer de subito o brilhante pharol da verdade, tremaram de espanto e recuaram espavoridos, como os Madianitas em presença dos soldados de Gedeão.

E a luz do Golgotha continuava a espalhar-se por toda a parte, rasgando o espesso veu da superstição, que cobria as consciencias, e derramando sobre ellas as scintellas da fé do Crucificado.

Ao brilhar de doze raios, emanados do pharol do Calvario, á voz de doze homens, rudes e impotentes, as estatuas pagãs caem de suas edículas douradas, os idolos despedaçam-se, precipitando-se de seus allames, e em lugar de ridiculas superstições, implanta-se a santa religião de Christo, em vez das trevas do paganismo, brilha o refulgente pharol do Calvario.

Porem a luz não arde sem bruxolear.

E na verdade, bem depressa se levantariam horriveis tempestades, para offuscarem o brilho da religião christã.

O facinora odeia a luz, porque teme que o brilho da lamina de seu punhal denuncie; o falso philosopho recusa a verdade, porque não quer que as suas paixões lhe sejam cohibidas e seus vicios reprehendidos. Porisso fizeram guerra á verdade; levantaram uma caliginosa nuvem de erroneas theorias para eclipsarem o intenso clarão do pharol do Calvario, que ameaçava desfazer todas as manchas horrendas, que o vicio

tinha impresso nas consciencias, e abraçar todos os corações no fogo celestial da caridade.

Porem baldados esforços!

O fanal do Golgotha, o foco da verdade, emitindo doze raios luminosos, bem depressa ateia o fogo a toda a terra; e, purificando as almas dissolutas no crisol da penitencia, regenera o mundo inteiro.

E se os falsos philosophos lhes oppoem o espesso nevoeiro de erros, atravessam-n'o e extinguem-n'o completamente, fazendo brilhar a verdade; se os crueis perseguidores lhes interceptam a rapida passagem com o martyrio, vão de encontro a elle, como a um limpido espelho, e reflectindo-se com rapidez, ascendem á mansão da luz. Mas não deixam o mundo em trevas!

Não: os acerrimos inimigos da luz, os crueis adversarios do Christianismo, não têm o prazer de ver extincta toda a luz dimanada do Golgotha. Não porque a victima que n'elle expirou não o permittiu. Ainda que os inimigos do pharol do Calvario oppoem aos seus raios o espelho do martyrio, e os façam subir á patria celeste, jámais conseguirão eclipsal-o inteiramente. Christo o disse, e hade-se cumprir:

«A ventania do erro jamais apagará a luz da verdade.»

Math. XVI, 18.

F. G.

## SECÇÃO RELIGIOSA

*Invenção da Santa Cruz, e instrumento publico do primeiro apparecimento das cruces, em Barcellos.*

**E**GREJA Catholica celebra no dia 3 de Maio a festa da Invenção da Santa Cruz.

Esta festa foi instituida pela Igreja em memoria do descobrimento da Cruz onde morreu Christo, Salvador nosso. Esse descobrimento effectuou-se, em Jerusalem, no anno de 326, e deve-se aos esforços de Santa Helena, mãe do imperador Constantino.

Os pagãos não queriam que os christãos conhecessem o logar da sepultura de Jesus Christo. Para melhor occultarem esse logar, cobriram-no d'uma grande quantidade de pedras e de estulto,

levantaram n'elle um templo dedicado a Venus, e, no mesmo sitio onde estava o sancto sepulchro, erigiram uma estatua de Jupiter.

Santa Helena, abrazada em ardentissimos desejos de encontrar o sagrado tropheo da nossa redempção, mandou demolir o templo de Venus e a estatua de Jupiter. Ordenou que se removesse o terreno occupado pelo templo gentilico, e se cavasse profundamente.

Cumpriram-se as suas ordens.

Depois de insano trabalho, descobriu-se o tumulo do Salvador,—com os instrumentos da sua Paixão.

Encontraram-se tres cruces eguaes.

Não se podia saber em qual d'ellas havia sido crucificado o Salvador, porque o titulo, que Pilatos mandou collocar sobre a Cruz de Christo—*Jesus Nazareno Rei dos Judeus*—achava-se separado e no meio das tres cruces.

Vendo-se Santa Helena n'esta difficuldade, «consultou com S. Macario sobre o que devia fazer. O sancto bispo foi de parecer que se applicassem as tres cruces a algum enfermo, não duvidando de que Deus declararia com algum milagre qual d'ellas era a verdadeira Cruz do Salvador.

«Foi approvedo o alvitre; e tendo-se applicado as duas primeiras a uma senhora de distincção que estava agonizando, nenhum effeito se notou; mas apenas se lhe chegou a terceira, ficou repentinamente curada, á vista d'uma multidão innumeravel que foi testemunha ocular d'esta maravilha.

«Ainda se fez ao depois outra prova. Estenderam sobre as tres cruces tres cadaveres», e somente resuscitou aquelle que se estendeu sobre a Cruz que já havia effectuado o primeiro milagre.

D'esta fórma se distinguio e reconheceu a Cruz em cujos braços expirou o Redemptor da humanidade.

Começou então a prestar-se culto á Cruz.

A imperatriz Santa Helena offereceu parte da Cruz a seu filho Constantino, e mandou para Roma outra parte, assim de ser collocada n'uma igreja que alli fundou sob a denominação de—*Santa Cruz de Jerusalem*.

A maior parte da Cruz, porém, ficou na igreja que Santa Helena mandou construir sobre o Santo Sepulchro, e que foi chamada—*Basilica da Santa Cruz, a Igreja do Sepulchro ou da Resurreição*.

\* \* \*

Faz-se, em Barcellos, no dia 3 de Maio, uma solemniissima festividade ao Senhor da Cruz, que se venera n'um elegante templo, situado no espaçoso «Campo da Feira».

Tambem, no mesmo dia e no mesmo campo, ha uma grande feira, que é das

mais concorridas n'esta provincia. E' chamada vulgarmente—*feira das cruces*, porque, segundo dizem, na noite de 2 para 3 de Maio, apparecem, miraculosamente, n'aquelle campo, algumas cruces estampadas no chão.

São muitos, em Barcellos, os assigantes e leitores do «Progresso Catholico», e é de presumir que alguns não tenham noticia do instrumento publico do primeiro apparecimento das cruces.

Vamos, pois, trasladal-o integralmente d'um alfarrabio que possuimos.

Dizem os mordomos da confraria da Santa Cruz, d'esta Villa de Barcellos, sita no arrebalde d'ella, que em poder de Bertholomeu Machado de Miranda da dita Villa, está um livro de notas muito antigo, pussa de cento, e trinta annos, no qual está escrito, e lançado na dita nota hum milagre, que nosso Senhor obrou na Ermida de Santa Cruz, donde está sua Imagem com a Cruz ás costas; tem o dito livro em seu poder, por ficar de seus antepassados, por rezão de se não perder, e para ajuntar a outros papeis de milagres, que acontecerão na dita Ermida lhes he necessaria hũa certidão em publico, e mo do que faça feo, com o theor de *verbo ad verbum* d'ella, e pera mais feo de verdade, que seja vista a dita nota, diante dous Taballiaes do publico, e judicial, o mais authenticico que possa ser.

Pedem a vossa merce lhe mande passar a dita certidão, e receberão merce, e justiça.

*Que se lhe passe certidão na forma peida.*

CERTIDÃO

Saybão quantos este instrumento de certidão dada por mandado, e autoridade de justiça, virem. Em nome de Deus, my nito, e poderoso Senhor, amen. Saybão os que este publico instrumento de feo, e do testemunho do Santo milagre, virem, que no anno do nascimento de nosso Senhor Jeau Christo, de mil, e quinhentos, e quatro, sexta feria, vinte dias do mez de Dezembro, á horas de nove horas, pouco mais, ou menos, indo o mui honrado Diogo da Costa, escudeiro del-Rei, e juiz Ordinario em a dita Villa de Barcellos, pella rua direita da dita Villa, e chegando comigo taballião ante as portas de Pedro Machado, outro sy escudeiro, viuha Joao Pirez, capateiro, pella dita rua, que vinha da Ermida do Salvador, em que ha pello dito dia hũa Missa, em reuerencia e louvor das Chagas de nosso Senhor Jesu Christo, e disse ao dito juiz, e a mim taballião, que fossemos vor, e guardar hũa Cruz, que demonstrava hum grande Santo milagre, que estava junto da Cruz, aos Carualhos do campo da feira. Pello qual o dito juiz comigo taballião fomos com o dito João Pirez em direito donde está outra Cruz, que está no dito campo, e no meyo da estrada, que vay e corre da dita villa para Santiago de Galliza e outras partes; em direito da dita Cruz, no chão, em hum barreiro, estava feita, e assinada, que fics da mão direita, quando homem vem do Salvador, hũa muy proporcionada, e talhada, e direita † Cruz, toda tão preta, como esta d'esta regra em cima, de tres couados, e meyo em compido, e dous couados, e tres quartas em ancho, e de largura a quadra d'ella de um palmo, e em todo por igual; e estando o dito juiz, e eu taballião, e Pedro Alunres contador, que logo ahi chegou, e o dito João Pirez, ella se tornou mais de outra cor, quasi toda aluadia pello qual foy logo ahi por elles, e por mim taballião vista toda a terra derre-

dor, aonde não foy achado nenhũa coisa preta d'aquelle theor, e qualidade, somente hum feito, como corquo, tão longe das Cruzes, como duas varas, no que visto o dito milagre tão excellente, e publico, e manifestandose pelo dito juiz, uodia muita gente da dita Villa, e defóra della, a ver, e adorar á dita Cruz, chegando com os sobreditos ontro sy Pedro Machado escudeiro, morador na dita Villa, e cercarão de pedra derredor, e com outros muitos homens e governadores da dita Villa, acordarão ser edificada hũa casa ao pé, e longura da dita Cruz, a louvor, e nome chamada Santa † Cruz, erguendo logo ahi pedras quatro, que se levantarão a longura, e largura da dita Cruz, segundo está, e ficou o dito dia, até acabada a vospere, aonde cõ o dito proposito, e tenção boa, e santa, Aluaro Piuheiro, fidalgo, e todos os moradores da dita Villa forão ao dito milagre, com grande e solemne procissão, para dizermos donde fiedra a dita Santa casa, e forão no dito dia á tarde acabada a vospere, o deuto Colegio, Comogos e Cleresia, d'esta Villa de Santa Maria, a pohorem, e leuarem, nondo a Santa Cruz estava, hũa mui grande Cruz de pau, mui bem feita, que metêrao com muita solemnidade com a procissão, que leuauão, em que hia com elles a Confraria de nossa Senhora da Misericordia da dita Villa, e ahi deixarão a dita Cruz obantada por divisa, e mostramento do dito Santo milagre, que ahi estava, aonde todos os fics e diuotos christãos com muita deuacão offerecerão o que lhe bem parecia de sua fazenda, prometendo todos dadinas de dinheiro para a dita casa, as quaes eu taballião escrevi, e assi o lixirão, por o tempo não dar mais lugar cõ a chuva, cercada do pedra; e Francisco Corra e Aluaro Fernandes, Clerigo, outro sy testemanhas, Francisco Correa, Diogo da Costa, Aluaro Fernandes, Pedro Machado, segundo todo esto consta do instrumento do Santo milagre da Cruz, que está escrito em um livro de notas, que tem em seu poder Bertholomeu Machado de Miranda, de qual foy fielmente trasladado, seu cousa qao duvida fca, ao qual livro, que em poder do dito Bertholomeu Machado fica, em todo e por todo me reporto. E por me ser mandado passar a presente pelo Licenciado João Barretto de Sá, juiz de fóra n'esta Villa de Barcellos pelo Duque de Bragança, & a passei na verdade hoje, sete dias do mez de Mayo de mil, e seiscentos e trinta e oito annos, e a concertei com o official abayxo nomeado e assinado, e ao dito Bertholomeu Machado de Miranda lhe tornou a ficar o dito liuro, e assinou. A qual certidão atrás, eu João Machado de Faria, taballião do publico, e judicial n'esta Villa de Barcellos e pelo Duque nosso senhor & fiz tirar e trasladar de hum livro de notas, bem e fielmente, e o sobescrevi, concertei e assinei de meu publico sinal, fiz que tal he, e o dito liuro de notas tem em seu poder Bertholomeu Machado de Miranda d'esta Villa, ao qual o entreguei, e de como o recebeu, assinou aqui comigo taballião, que assim publico, que tal he. Recibi o proprio liuro. Bertholomeu Machado de Miranda.

Ahi fica o instrumento publico do primeiro apparecimento das cruces em Barcellos, conforme se lê na pagina 82 e seguintes do «*Tractado Panegyrico em louvor da villa de Barcellos*», pelo P. Fr. Pedro de Poyares. (1)

O mesmo «*Tractado Panegyrico*» diz ainda, na pagina 86, que houve, em

(1) Este livro foi impresso, em Coimbra, no anno de 1672.

Barcellos, um homem nobre, Mathias Paes de Faria, que não acreditava no apparecimento das cruces.

Conversando elle, no «Campo da Feira», com alguns escudeiros, fallaram sobre o apparecimento das cruces.

O homem, como sempre, negou tal apparecimento; mas, de subito, apparece diante d'elles, na terra, uma cruz «muy bem laurada (como se fôra feyta por mão de destro official)».

Mathias Paes poz-se de joelhos, adorou a Cruz, e foi depois acerrimo defensor do apparecimento das cruces em Barcellos.

Tambem d'isto se fez um instrumento publico no cartorio de João Freire, notario apostolico.

Padim da Graça—Abril de 1889.

P.º Joaquim José Soares.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### A Roma corrupta

#### Legislação Agraria



IMPERIO romano abrangia nos seus limites quasi todo o antigo mundo civilizado.

Roma havia herdado de outras nações certos conhecimentos: uns artisticos e eruditos, como os da Grecia; outros industriaes, como os do Egypto.

Houve uma arte, comtudo, a que os romanos deram impulso espontaneamente e levaram ao maior aperfeiçoamento: era a arte agricola.

As obras de irrigação não as ideou melhor nenhum outro povo. As construcções dos aquedutos para a conducção das aguas fertilisadoras ainda hoje podem attestar o vigor d'este grande povo.

Mas a agricultura, em honra entre os romanos antes das guerras punicas, tornou-se, depois da conquista do mundo, uma occupação servil. Assim toda a legislação romana, desde os dias felizes da republica até á queda do imperio, é apenas a reproducção fiel dos preconceitos irremediaveis d'esse povo contra o trabalho e a industria.

Um rapido lance de vista sobre a legislação agraria dos Romanos, é bastante para dar-nos d'isso uma idéa.

\* \* \*

No principio do seu poderio fizeram os romanos um sem numero de leis agrarias (*leges*) *Terentia*, *Cassia*, *Licinia*, *Flaminia*, *Semphronia*, *Cornelia*,

*Servilia*, *Flavia*, *Julia*, etc.); e todas inspiradas por um vão desejo da divisão das terras e do equilibrio entre os teres.

A lei *Terentia* consignou que fôsse distribuido a cada cidadão pobre cinco alqueires de trigo por mez.

A lei *Cassia* ordenava a compra e a distribuição do trigo barato, em vista do bem do povo.

A lei *Semphronia* creava um *maximum* para o preço dos cereaes, que o Estado devia vender ao publico.

A lei *Claudia* determinava que fôsse alimentado gratuitamente o cidadão indigente. Uma outra lei fixava a despeza das refeições; e a lei *Caninia* prohibia a emancipação dos escravos além d'um determinado numero.

Ao mesmo tempo que se dava estimulo ao numero dos indigentes, concedia-se toda a sorte de recompensa á fecundidade; e toda a pessoa, pae de tres filhos, disfructava numerosos privilegios, dos quaes o principal consistia em uma triplíce distribuição gratuita de trigo. Em outras circumstancias, a lei auctorizava aos devedores o ficarem quites dos seus creditores, pagando-lhes apenas uma quarta parte das dividas em atraso.

Ao passo que o espirito de independencia e de negocio se achava paralyzado com esta legislação protectora da ociosidade, eram mantidas na mais estricte subordinação todas as classes de cidadãos, ao começar do lar domestico, onde reinava como senhor absoluto o pae de familia, com poder de vida e de morte sobre os seus filhos.

A mulher debaixo de tutela não era outra coisa senão uma escrava de seu marido.

No exterior, o liberto reconhecia um patrão, o soldado um superior. E essa organização das legiões pesava sobre toda a Roma, como um jugo de ferro ao qual ninguem se atrevia furtar-se.

A nenhum cidadão era permittido o sabir da sua casta, nem mesmo quando fôsse para grau inferior, e os trabalhos industriaes eram interdictos como coisa vil e sordida aos que a elles não haviam sido condemnados por seu nascimento. O imperador Augusto chegou a pronunciar a penna de morte contra o senador *Ovinus*, porque se havia desdoirado da sua nobresa a ponto de fazer-se director d'uma fabrica; e a sentença de Augusto, tão extraordinaria que nos parece hoje, fôra lida pelos romanos como uma condemnação das mais justas!

A Roma patricia e guerreira não podia ser favoravel ao desenvolvimento da industria. Em Roma só se dá estimulação ás virtudes que faziam os soldados; mas pelos trabalhos manuaes e

as occupações pacificas da officina professava-se um soberano desprezo.

Pelos campos a corrupção invade tudo: nem rendeiros, nem lavradores instruidos.

Com a corrupção geral fenece a agricultura, que já não offerencia mais compensação alguma. A concorrência e o interesse pessoal, esses grandes motores da producção, nada operavam sobre os animos preoccupados com as idéas guerreiras e com os prazeres.

Via-se sem interrupção affluir a Roma um sem numero de aventureiros, intrigistas, vagabundos, atraídos pelas distribuições dos cereaes e pelos espectaculos de todo o genero, que os imperadores prodigalisavam á plebe, para d'ella obter alguns applausos. Os arredores de Roma cobriam-se de cidades, mas não era sem grandissimas difficuldades que triumphava o imperio para poder nutrir esta multidão imensa de consumidores improductivos.

Apezar das mil precauções, que se tomavam contra a fome, nunca foi possível evital-a por muitas vezes da capital e das provincias, onde causava funestos estragos.

Debalde se havia chamado a *esquadra sagrada*, ás embarcações em serviço dos abastecimentos! Posto que só um pé de vento era sufficiente para obstar por vezes a que ella chegasse a porto de salvação, o que com isso resultava um perigo para a segurança imperial.

A derrocada não vinha longe.

Então a arte de governar ficou sendo só unicamente a arte de remediar-se o indispensavel quotidiano d'um povo indolente e inconstante; e a menor circumstancia dava causa a uma infinidade de abusos, que a sua frequente repetição fazia passar com força de lei.

A morte de uma prostituta do principe, o nascimento d'um herdeiro, qualquer guerra crua, um triumpho por mais passageiro que fôsse emfim, necessitavam egualmente valiosas dadas. Só por este preço é que os imperadores romanos conservavam a sua corôa, e mantinham a sua auctoridade, não deixando de pagar o imposto dos pobres aos seus subditos famintos.

\* \* \*

Contam-se pelo numero das fomes os melhoramentos realizados no commercio e na navegação.

Na primeira fome, que se deu no tempo de Augusto, construíram-se muitos navios e celleiros publicos para a venda dos generos alimenticios; e na segunda, no tempo de Tiberio, estabeleceu-se o systema das recompensas aos mercadores da importação dos grãos.

A fome que houve no governo de Claudio decide este principe a construir o porto de Ostia; e na fome do tempo de Nero é concedida aos negociantes de trigo uma isenção dos direitos, e muitas medalhas.

A fome do tempo de Antonino, o piedoso, faz com que fossem melhoradas as obras do porto de Terracina e construido o pharol do molhe de Gaeta.

Um abastecimento por sete annos da capital, foi o que trouxe a fome que houve no imperio de Marco Aurelio; e no governo de Commodo não foram poucas as catastrophes causadas pelos mercadores de trigo, justicados e castigados como monopolistas, emfim.

Eis aqui tudo o que em Roma se sabia fazer em favor do commercio, pelo unico commercio em honra, o dos generos alimenticios. Em parte nenhuma se acha um unico vestigio de medidas regulares; na Roma corrupta, a que descrevemos, vivia-se *au jour le jour*, sem pensar-se nos recursos, que seria facil fazer prosperar pelo centro do imperio, e sem dar-se attenção nenhuma aos outros ramos de producção.

J. C. de Faria e Castro.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

30.

(Continuado do n.º anterior)

LXVII

#### P. João Lorino

Um grande numero de jesuitas se tem occupado de interpretar os livros da Escripura Sagrada, ou no todo ou em parte. Sendo a Biblia o codigo de todos os tempos e de todos os paizes, o livro por excellencia onde a verdade apparece no seu estado primitivo, mas sujeita a duvidas e a sentidos erroneos, não admira que os homens doutos e pios procurassem explicar os livros santos.

Muitos catholicos reprehenderam este trabalho, e n'isto principalmente os jesuitas obtiveram grande reputação. Dedicando-se ao estudo biblico, tomaram por guia a tradição, interrogando os Santos Padres e os Concilios, testemunhas irrefragaveis nas controversias religiosas.

Já n'esta Galeria apontamos alguns dos mais famosos commentadores da Escripura Santa, que tambem se occuparam d'outros assumptos com reconhecida superioridade.

Não podendo fallar de todos, apenas trataremos dos mais conhecidos n'este ramo das sciencias ecclesiasticas. Ora como auctor classico na interpretação da Biblia deve sem questão mencionarse o jesuita João Lorino.

Nasceu em Avinhão, cidade de França, no anno de 1559. Ensinou por muito tempo theologia em Paris, em Roma, em Milão e em outras partes, com geral applauso. Era um homem muito modesto, humilde, de costumes suavissimos, insigne director das almas no caminho da perfeição christã.

Na cidade de Avinhão, que lhe foi berço, introduziu este piedoso jesuita o costume de dar todas as semanas uma instrucção aos judeus que ali havia, e por este meio se converteram muitos d'elles.

Morreu piamente em Dole (França), no anno de 1634.

Applicando-se, como dissemos, com especialidade à interpretação da Biblia, deixou varios commentarios a muitos livros do antigo e do velho Testamento, muito estimaveis pela doutrina e clareza. E' obra monumental; e assim vemos que é a cada passo citado como auctoridade.

O P. João Lorino não só procura explicar todas as palavras hebraicas e gregas do texto sagrado, mas estende-se sobre diversas questões de historia, de dogma e de disciplina, que são muito interessantes.

LXVIII

#### P. Nicolau Serario

«Nicolau Serario, nascido na diocese de Metz, admittido na Companhia de Jesus em 1572, é sem contradicção um dos mais sabios escriptores d'este tempo (seculo XVII) na critica da Escripura Sagrada. Fez sobre os livros santos prolegomenos muito estimados, e compoz sabios commentarios sobre muitos livros do antigo e do novo Testamento, com opusculos de critica e de controversia cheios de erudição.»

E' assim que escreve na sua *Historia da Egreja* o celebre du Pin, que, como é sabido, seguiu o partido de Jansenio, e por isso é inteiramente iussuspeito. Bastava isto para se conhecer quem foi o jesuita Nicolau Serario; mas convem dar d'elle e das suas obras uma ideia mais extensa.

Nasceu na provincia de Lorena, no anno de 1555, e, entrando na Companhia de Jesus, applicou-se ao estudo das linguas sabias com um successo pouco commum. Ensinou humanidades, philosophia e theologia em diferentes collegios de Allemanha. Morreu na cidade de Mayense, em 1609.

As suas obras, muito variadas, cons-

tam de 16 volumes *in-folio*, sendo a parte mais notavel e estimada *Commentarios á Biblia* e tratados theologicos, e ainda a historia de Mayense. Revelam um homem summamente erudito.

O cardeal Cesar Baronio denomina o jesuita Serario *Luz da Egreja da Allemanha*. Como interprete dos livros santos gosa de grande auctoridade entre os sabios. A sua vida foi toda consagrada ao estudo e à oração.

LXIX

#### P. Jacob Bonfrerio

Como commentador dos livros santos occupa um logar eminente o jesuita Jacob Bonfrerio, nascido em Dinant, cidade do principado de Liege, no anno de 1575. Entrou na Companhia de Jesus tendo 18 annos de idade.

Ensinou philosophia e theologia na Universidade de Duai, e foi professor de Escripura Sacra e da lingua hebraica na mesma cidade, emprego que desempenhou com distincção por um grande numero de annos. Falleceu em Tournai a 9 de maio de 1643.

Todos os eruditos dão grande apreço ás obras de Bonfrerio sobre a interpretação da Escripura Sagrada. Baste-nos citar os seguintes testemunhos insupei-

tos. Francisco Sweert, famoso litterato do seu tempo, fallando de Bonfrerio, diz: «Foi dotado de não vulgar doutrina, ornado de insignes virtudes, de admiravel habilidade, de incrível prudencia nos negocios, de agudissimo engenho, de solidissimo juizo.»

Valerio André, canonista de grande auctoridade, qualifica-o da maneira seguinte: «Bonfrerio foi um homem de variada erudição, de genio agudo, de tenaz memoria, de juizo solido, e teve um estylo facil e elegante.»

Finalmente o jansenista du Pin escreve d'este modo:

«De todos os commentadores jesuitas da Escripura Santa, nenhum, segundo o meu parecer, seguiu melhor methodo e tem mais justeza e sciencia nas suas explicações, do que Jacob Bonfrerio. Seus prolegomenos sobre a Escripura são d'uma utilidade e d'uma clareza maravilhosas.»

Pouco mais temos que acrescentar a estes bellos testemunhos. O jesuita Bonfrerio põe de parte, nos seus commentarios á Escripura, as questões de controversia, circumscrevendo-se ao que respeita ao texto sagrado, e referindo em resumo tudo o que é necessario saber sobre esta materia. Por este motivo são de grande merecimento os seus prolegomenos a toda a Escripura Sagrada.

A excellencia dos seus commentarios consiste em não serem demasiadamente

breves, nem demasiadamente extensos: o auctor não faz digressões que não venham a proposito do assumpto.

Concluiremos este topico, dizendo que o P. Bonfrerio era peritissimo em chronologia e geographia sagrada.

LXX

### P. Livino de Meyer

Este jesuita, nascido em Gand (Belgica), d'uma familia nobre, em 1655, distinguu-se na theologia, historia e poesia. Um poema que escreveu sobre o colera, dividido em tres-livros, é geralmente estimado dos que amam a lingua latina dos antigos romanos: encontram-se ali versos dignos do seculo de Augusto.

Comtudo o que deu maior nomeada ao P. Livino de Meyer, e é a unica razão porque d'elle nos occupamos, foi a sua *Historia das congregações de Auxiliis*. E' escripta para refutar outra historia que compoz o celebre Jacintho Serry, dominicano.

Como sabem os theologos, chamam-se Congregações de Auxiliis as reuniões que se celebraram em Roma, nos principios do seculo XVII, para examinar e discutir a doutrina do jesuita Luiz Molina sobre a predestinação e a graça divina: n'essas congregações disputaram os mais doutos theologos da Ordem de Santo Ignacio e da de S. Domingos. Ninguem ignora que a doutrina de Molina ficou illesa, podendo de fender-se, como declarou a final a Santa Sé.

Escrevendo o dominicano Serry sobre o que a tal respeito se passou nas mencionadas Congregações, mas d'um modo bastante inexacto, o jesuita Meyer lhe oppoz a sua historia, que passa commumente por exacta e imparcial. E' innegavel que está escripta com moderação. E' um volume *in-folio*, no qual trata diffusamente o respectivo assumpto.

Escreveu tambem muitas obras contra os apologistas do jansenista Quesnel. Por todas estas obras é considerado o jesuita Meyer como um dos mais insignes defensores da verdade catholica.

Morreu este sabio religioso a 19 de março de 1730.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.



### A aposentação e o Monte-Pio do Clero

Quando se fará, emfim, justiça ao clero?

Quando se deixará de o trazer, no encaço de uma miragem não menos cruel, que a das vastidões do Sahara?...

E' lastimavel que, depois de cincoenta e tantos annos rodados, se não tenha tido ainda, para elle, mais que espediosas promessas, e nunca um de saggravo ás difficuldades de uma subsistencia precaria!

Sobre as exigencias da vida se precipitarem, n'um fluxo assoberbadór, o clero, já de ha muito insufficientemente retribuido, vê-se hoje a braços, com as funestas consequencias de uma incredulidade jactanciosa e minaz.

A escassez de recursos chega quasi a dar-lhe uma feição de ridiculo, perante as multidões, que nunca jamais dispensaram, apar da virtude e da sciencia, o aureo ninho, que cerca de prestigio a autoridade.

E' incrivel, simplesmente inverosimil!

Os seus vencimentos correm parellhas, com os ordenados mais somenos dos empregados de modesta cathegoria; e o seu futuro tem officialmente recebido a sobranceira consagração do despreso!...

E d'este abatimento financeiro, seráo as regiões officiaes, culpadas unicamente?...

Não victimemos a fallacia de promessas desmentidas. Accusemos antes, collegas, a anesthesia da nossa indole silenciosa.

Recorreram a meios violentos, *usque ad effusionem sanguinis*, quantos são mais ou menos pingueamente servidos, nas agapas do orçamento?...

Deixaram nunca os clamores da justiça, de repercutir, perante os poderes publicos, com accentos victoriosos?...

Que infirma o nosso direito, para deixar de fazer peso, no prato da balança das equitativas remuneraciones?...

Leva o clero distante, muito distante as suas exigencias?...

Não lhe bastará uma mediania desafogada, *aurea mediocritas*?!...

E, por outro lado, deixou a sociedade de haver no sacerdote, um funcionario prestimoso e imprescindivel?

Não o vê, cada dia, transpór a circumferencia das attribuições religiosas, para ir semear no sulco estranho, em outras repartições, os obsequios de uma lide sempre leal e prompta?...

Quebraram-se-lhe, nas mãos, as armas, com que entrou na cruzada da fraternisação universal?...

Não é elle, para o Estado, o mais nobre elemento da ordem, o salvo-conducto da propriedade, e o palladio dos sacratissimos vinculos da familia?...

Deixou elle, em summa, de ser o educadór nato da CONSCIENCIA? E, na ausencia d'este pharo, ha peças sociaes que se não desencontrem, e engrenagens, que não se destrocem, em ruinas?...

Não.

Em que pese aos acaudilhados de uma demagogia anarchica, nem atravez dos labios sellados do sacerdote, emmudeceu a palavra do Christo, *mandatum novum do vobis*, nem, em suas mãos, se exauriu a cornucopia das benções do ceo, cujo economo elle é.

Sobre o pavimento profanado, não desabou, demolido, o ultimo templo; no floreb das pristinas crenças, não cessou de arder a alampada do Evangelho; e, sobre o tumulto de nossos paes, não deixará jamais de projectar-se, a sombra propicia de uma cruz! *Non praevalent adversus eam*.

Ai de nós, ai da humanidade, se o Argus da consciencia houvera de ceder o passo, ao ominoso imperio do policia — o fiscal, o vereadór das sociedades corruptas e irreligiosas!...

II

Annunciou a imprensa periodica, ha pouco, a aposentação do clero parochial, projectada pelo governo.

Os poderes publicos reservam mais para o diante, provêr á dotação do culto e clero.

Depois de um cyclo de mais de meio seculo, por sem duvida que se deve á classe parochial, alguma coisa mais, que não seja uma medida provisoria.

Pois terá faltado uma incubação assaz demorada, á dotação do clero?...

Representará acaso o parochio, na sociedade portugueza, o espurio, para quem não pode ter-se mais do que um pobrissimo e banal palliativo?...

Certo que não se absorveu, no vertice dos desperdicios, o espolio das ordens religiosas. Dar-se-lhe-ia applicação muito outra d'aquella, que primeiro se teve em mira?...

Esses bens não serão bastantes a ministrar substancia, ao clero da nossa terra?...

Ao jogo regular das finanças, tão grave transtorno, taes disequilibrios, trará já não dizemos a *archeologica* dotação, mas a simples aposentação, que se faça mister lançar mão de subvenções annuaes, até poder-se constituir um fundo sufficiente, para occorrer ás magras pensões dar parochos aposentados?!...

Recordando-nos de um outro projecto de dotação do clero, d'ha poucos annos,

e sem duvidarmos da boa vontade do governo, observaremos que a projectada aposentação, se não representa um retrocesso, não vemos por que o clero possa computal-a em uma conquista redemptora (1).

Virá, com justiça e remedio effcaz, alliviar a sorte da casta parochial? ... A decrepitude invalida poderá, emfim, escutar o seu *surge et ambula?* ... Não nos parece.

(Continua).

Padre Raymundo.

De quem alberga n'alma o incendio dos tumultos.  
Serenos escuta, aim, o *crucifige* louco  
Da torva multidão que o festejava ha pouco.  
Do infame tribunal arrestam Jesus Christo.  
Conduzem-no amarrado... e fazem mais do que i-to...  
(Ordenam-lhe que vá (Oh povo endurecido!)  
Correr Jerusalem, de purpura vestido.



O COELHO ESTIMADO

Não se trata de prover cabalmente ás necessidades de subsistencia e de officio do parochio. Parece ter-se apenas em vista, abroquelal-o, contra as eventualidades de uma velhice de penuria e abandõno.

Mas, para o effeito, a aposentação bastará? ...

(1) Do que nos suggerem as condições ligitimas da aposentação, ninguem deduzirá, que a regeitámos. Entre o dispensavel e o insufficiente, cava-se um abyemo.

SECÇÃO LITTERARIA

MARTYRIO

Apaga-se, no mundo, o facho da clemencia.  
No palacio real da archi-residencia,  
Pilatos julga o Christo, e á morte o sentenciais.

Vae cobrir-se do lucto o ceo da Galileia,  
— Esse limpido ceo, formoso e constellado.

O Deus de Nazareth, ha pouco victoriado,  
Victoriado á voz d'hypocritas farçantes  
Com hosannas sem fim, com palmas vicejantes,  
Serenos, agora escuta imprecações e insultos

Circundam-lhe a cabeça espinhos lancinantes,  
Que o ferem, sem dó, como punhaes brilhantes.

Açoitam-no (cruéis!); escarram-lhe na fronte;  
Fazem levar-lhe a cruz, até chegar ao monte,  
E com ella trepar a rocha alcantilada.

Estúpida e brutal, a plebe amotinada  
Lá corre, alegremente, ao cimo do Calvario.

Quer ver, presenciar, um drama sanguinario  
N'esse proscenio ideondo e repellente e triste,  
Onde a vingança impera e a corrupção existe.

Ergue-se o lenho tosco... e serve-lhe de peanha  
O monte da justiça (1), o topo da montanha.

E' n'esse lenho—a cruz, o symbolo do crime,  
Que vai morrer, pregado, o Martyre (2) sublime.

.....  
.....  
Chega o momento, a fim...

A oafila d'ingratos  
Executa a sentença, iniqua, de Pilatos.

O Justo, entre ladrões, propõe do madeiro.  
E seu sangue que, agora, em borbotões diuana  
E' baptismo que opera e traz ao mundo inteiro  
Um milagre d'amor—a Redempção humana.

Seminario de Beja, 16—4—89.

Padre José Maria Ançã.

### Tribulações d'um pae

(Durante a viagem de instrução de meu filho mais velho,  
aspirante de marinha)

*Se tu sapessi in questi giorni anch'io  
Quanto piangere ho fatto, e diche pianto!*

TOMMASO GROSSI.

#### X

Do saudoso, do amado filho ausente  
Quanto me tardam novas desejadas!  
Nos tristes dias, noites agitadas,  
Em vão procuro distrahir a mente!

Trabalho? São-me as horas povoadas  
Pela sua lembrança persistente.  
Leio? No pensamento incoherente  
Confundem-se-me as paginas versadas.

Velo? Só n'elle penso. Durmo? Habita  
Nos sonhos meus a sua imagem cara,  
Pois que no intimo seio a tenho inscripta.

O' Deus, piedoso Pae, minha alma ampara  
Té ao momento em que em suprema dita  
Longo abraço resgate a ausencia amara!

Porto, 19—9—88.

#### XI

Meia noite. Sereno o ceo e puro.  
Milhões de astros, quaes fulgidos brilhantes,  
Scintillam gloriosos, tremulantes,  
Do espaço sideral no fundo escuro.

Sôam ao longe as vagas sussurrantes;  
De uma fonte o monotono murmuro  
Une-se a espaços ao som cavo e duro  
Do pisar de tardios passeantes.

Eu, á minha janella recostado,  
E pensando no ausente filho amado,  
Por elle oro ao Creador do firmamento.

(1) Nome dado ao Golgotha na sentença  
condemnatoria do divino Filho de Maria.

(2) Paragoge, permittida por liberdade  
poetica.

E exulto, que confio em breves dias  
Abraçal-o com ternas alegrias,  
A' patria regressando a salvamento.

Porto, 28—9—88.

#### XII

Nove dias de triste incerteza,  
De receios, angustias e dor!  
Longo espaço que na alma me pesa  
Com sombrio, tremendo rigor!

Nove dias do filho saudoso  
Sem, Deus meu, ternas letras haver!  
Pelos seus dedicado e extremoso,  
Por ventura os podera esquecer?

Não, olvido não é: vive intensa  
No seu peito a piedade filial...  
Sua mão sempre fiel—da doença  
Deterá ferrea mão, mão fatal?!

Pensamento terrível, ah! foge,  
Não tortures o seio de um pae!...  
Confiada, minha alma, ergue-te hoje,  
Lenitivo no ceo buscar vae.

O teu rogo plangente, sentido,  
Ha de ouvir compassivo o bom Deus,  
E volver ha de o ausente querido  
Aos famelicos braços dos seus.

Porto, 2—10—88.

#### XIII

Novas tuas, meu filho, a fim chegaram,  
Da incerteza arrancando esta pobre alma;  
E se inda me não deram plena calma,  
Mais proximo ao meu seio te apontaram.

Bemdito seja Deus, que a dor acalma  
De corações que angustias agitaram,  
E aos que á sua vontade se confiaram  
Do soffrimento dá no gozo a palma!

Se dia a dia vendo abreviar-se  
Do apartamento o doloroso espaço,  
De prazer sinto o peito dilatar-se,

Calcula se terá jubilo escasso  
Teu pae na hora em que possa deliciar-se,  
Cingindo-te n'um terno, immenso abraço!

Porto, 4—10—88.

#### XIV

Ai! nove dias mais de apartamento,  
De receios mortaes, mortaes pezares,  
A quem um filho tem em longes mares,  
Contra as vagas luctando e contra o vento!

Inquieto imagina o pensamento  
Funestos casos, riscos a milhares,  
Para o ente querido que os azares  
Corre do fero e perfido elemento!

Meu pobre coração, quando sereno  
Palpitarás alegre e satisfeito,  
Livre d'esta anciedade em que ora peno?

Só quando veja o suspirado aspeito  
Do filho caro, e n'um colloquio ameno  
Sinta-o bem junto a meu amante peito.

Porto, 12—10—88.

#### XV

Triste e saudoso, pelo filho que amo,  
E que de mim a sorte longe tem,  
Amargo pranto, a occultas só, derramo,  
Porque a dor não aggrave á pobre mãe.

Quanto soffre, mulher e mãe, comprehendo,  
Pois o seio lhe abrasa immenso amor;  
Mas suavisar-lhe a pena em balde empenho,  
Minha alma atormentando a mesma dor!

Fallar-lhe de olhos seccos no ente caro  
Quasi impossivel heroismo é já;  
Dar-lhe consolações—debêl amparo—  
Como, quem as não sente, poderá?

Da Africa adusta em barbaresco porto  
Onde o detem de quem ordena a lei,  
Da saude ao menos tem doce conforto!  
Ha quinze longos dias que o não sei!

Já caminho virá da patria amada,  
Pensando absorto no seu lar, nos seus?  
Então escuta da minha alma anciada  
A prece fervorosa, ó grande Deus:

Acalma o sopro do inconstante vento,  
Amanisa as vagas do inquieto mar,  
Serena o ceo, traze-me a salvamento  
O filho por quem vivo a suspirar!

Porto, 18—10—88.

#### XVI

Sim, já da patria no caminho avança,  
Me dizem novas que me vertem dita:  
E o coração no seio me palpita,  
De alvoroço agitado e de esperança.

Pouco a pouco a alegria resuscita;  
Resurge alentadora confiança...  
Meu Deus, do oceano as iras abonança,  
Da nave que o conduz o passo excita.

Graças te dou, sob'rana Magestade!  
Mas completa, Senhor, os teus favores,  
Refreando o furor da tempestade.

De longa viagem póz tantos labores,  
Libe o querido meu felicidade  
Nos braços de seus paes e seus amores.

Porto, 19—10—88.

#### XVII

Eis da patria em seio amigo  
O meu querido a final!...  
Cessou do mar o perigo,  
E o risco do vendaval...  
Ah! vou vel o em breve espaço,  
E sarar em longo abraço  
Da ausencia o mall!...

Graças, Senhor, pois ouviste  
Minhas preces com favor,  
E devolveste a um pae triste  
Filho em quem põe tanto amor.  
Depois de tanta amargura,  
Restitues-lhe a ventura:  
Graças, Senhor!

O teu coração clemente,  
Sempre aberto à compaixão,  
Acolhe paternalmente  
De quem tem fé a oração:  
Como não seria ouvida  
De um pae a prece, sahida  
Do coração?

A ti, Virgem piedosa,  
Ternissima e doce Mãe,  
A minha alma jubilosa  
Graças eleva tambem:  
Lá na celeste morada  
Me foste egregia advogada,  
Pura Cecem!

Santos, que em ditoso assento  
Deus no ceo junto a si poz,  
E lá sobre o firmamento  
Esculastes minha voz,  
Dêstes força à minha prece,  
Minha alma não vos esquece:  
Graças a vós!

Porto, 21—10—88.

A. Moreira Bello.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**Almanach do Sagrado Co-  
ração de Jesus**, por *Silvestre Cas-  
tanheiro*.—Inaugurou a sua publicação,  
este gentil annuario, e cremos não des-  
lisar muito da verdade, accrescentan-  
do, que se apresenta por maneira mui-  
to auspiciosa.

Alem do calendario, varias tabellas e  
indicações de utilidade religiosa, littera-  
ria e civil, insere um *Directorio*, dedica-  
do a quem faça uso do missal traduzi-  
do em vernaculo, o que torna o livro  
grandemente util hoje e, que esse  
louvavel costume de acompanhar a lei-  
tura do celebrante, se vae fazendo tão  
vulgar, em nossas egrejas.

A secção litteraria, que abre por um  
bello artigo de *Monsenhôr Serrano*,  
muito elogiôso da devoção do *Sagrado  
Coração de Jesus*, vem rica de excel-  
lentes peças, em prosa e verso.

Collaboram n'ella o Excellentissimo  
Senhor D. Augusto, *Arcebispo de Perga*,  
João de Deus, *Monsenhôr Dr. Alfredo  
Elviro dos Santos*, *General Claudio Cha-  
by*, D. Maria José Furtado de Mendonça,  
*Desembargadôr Ruas de Abreu*, *Fer-  
reira Lobo*, *Silvestre Castanheiro*, *Ar-  
melim Junior*, e outros.

E' de 100 reis, apenas o custo de  
cada volume, em brochura.

Qualquer requisição será de prompto  
satisfeita, na CASA CATHOLICA, rua Au-  
gusta, 178—182, em Lishôa.

Chamâmos a attenção do clero, para  
o artigo, subscripto por *Monsenhôr Dr.  
A. Elviro dos Santos*.

## SECÇÃO NECROLOGICA



*Placens Deo factus est dilectus, et vi-  
vens inter peccatores translatus est.*  
Sap. IV. 10.

ESPERANÇOSO seminarista Hen-  
rique Anacleto de Freitas, já não  
existel

Combattido por uma terrivel  
doença, diabetes, baixou à sepultura  
no dia 3 do corrente.

Frequentava o 1.º anno do curso  
theologico sendo um dos mais assiduos  
no cumprimento de seus deveres tanto  
religiosos, como escolasticos. As suas  
maneiras affaveis e delicadas e o seu  
exemplar comportamento tinham-lhe  
grangeado geraes sympathias, os supe-  
riores anteviam já um bom ecclesiasti-  
co, os professores gostavam de tel-o  
como discipulo por ser bastante habil e  
muito applicado e os seus collegas  
amavam-o, porque era para todos um  
bom amigo, um excellente companhei-  
ro.

No curso de preparatorios obteve al-  
gumas distincções e o seu maior em-  
penho era um dia ser elevado ao Santo  
Sacerdocio.

Deus porém tinha outros designios!  
Antes de tiral-o d'este valle de lagri-  
mas, quiz purifical-o no cadinho do  
soffrimento. Por dois annos lutou com  
a terrivel doença que o fez succumbir,  
até que a morte veio pôr termo às suas  
dores na florente idade de 22 annos.

Era mui grande a sua força de von-  
tade no estudo da sagrada Theologia,  
e por isso, ainda ha tres dias lhe aper-  
tavamos a mão na aula e nos interes-  
savamos pela sua saude.

Elle não ignorava o perigoso estado  
em que se achava, e por isso já havia  
muito que se preparava para a sua ul-  
tima viagem.

A morte ainda que quasi repentina  
não o surpreendeu porque havia já  
muito que elle tinha o piedoso e louva-  
vel costume de se confessar todas as  
semanas e receber a sagrada Eucharis-  
tia, o que na antevespera da sua mor-  
te fez pela ultima vez.

Pertencia à congregação dos Filhos  
de Maria e era muito devoto da Imma-

culada Conceição; por isso, não era de  
admirar que guardasse da sua ultima  
doença à cabeceira do leito o seu di-  
ploma de Filho de Maria, fitasse muitas  
vezes na sua Mãe do Céu os olhos da  
fé e da esperanza e pronunciasse até  
durante o delirio da febre os dôces no-  
mes de Jesus e Maria.

E' assim que morrem os justos!

A sua morte enlutou o Seminario, mas  
temos confiança que em breve no Céu  
pedirá elle pelos seus saudosos compa-  
nheiros que deixou na Terra.

Foi acompanhado á sua ultima mora-  
da por todos os seminaristas e por al-  
guns professores, a chave do caixão  
era levada pelo Ex.<sup>mo</sup> Conego Vice-Rei-  
tor, Ayres Pacheco.

Piedosos leitores, por caridade sup-  
plicae pelo eterno descanso d'este ami-  
go e assignante do «Progresso Catholi-  
co» para que vossas orações orvalhadas  
da divina graça apressem a entrada no  
Céu ao nosso saudoso condiscipulo.

Funchal, 4—4—89.

F. L.

A' memoria do reverendo padre Fran-  
cisco Fermino Fernandes de Moura,  
parcho de Sapiãos.

*In memoria aeterna erit justus:  
ab auditione mala non timebit.*

A memoria do justo será eterna:  
não temerá ouvir palavra má.

Salmo III v. 7.

Falleceu no dia 30 de março p. p. em  
Covellães, concelho de Mont'Alegre, o  
muito reverendo Francisco Fermino Fer-  
nandes de Moura, parcho de S. Pedro  
de Sapiãos, no concelho de Boticas.  
Ainda na flor dos annos deixou sua fa-  
milia inconsolavel; não ha ainda um  
anno que elle tinha sentido o passa-  
mento d'uma sua extremosa irmã e pe-  
dido orações aos assignantes do «Pro-  
gresso Catholico» por sua alma e já tão  
cedo somos obrigados, pelo dever de  
caridade, a pedil-os pela sua!

Cômo a vida se passa depressa!

O fallecido era orador distincto e por  
isso tinha sido convidado pelo snr. dr.  
José J. A. de Moura para faser o pane-  
gyrico na missa nova de seu irmão o  
reverendo Alberto Alvares de Moura, a  
qual teve logar em Covellães, terra de  
sua naturalidade, no dia 25 de março  
por occasião da festa da Annunciação  
de N. Senhora. Poucos dias antes tinha  
o fallecido estado n'esta casa e me ti-  
nha pedido para o substituir no minist-  
rio parochial, mas bem longe estava de  
pensar que não mais o tornaria a ver  
n'este mundo!

O joven orador ainda não contava 26  
annos, mas era eloquente quando fal-  
lava ao publico. Tão depressa terminou  
sua angelica existencia n'esta terra de

miserias! Seja-me permittido aqui chorar a sua morte pela falta que nos fez tão bom collega e amigo, e pedir orações por sua alma. A seu tio e irmão os reverendos padres João de Moura e Theotônio de Moura, damos sinceros pesames. Requiem aeternam dona ei, Domine. Et lux perpetua luceat ei.

Santa Martha de Pinho, abril de 1889.

*Padre Cândido Lourenço Pereira de Carvalho.*

Falleceu na Covilhã a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Anna de Jesus Penalva Pinto, irmã extremosa do nosso amigo e assignante do «Progresso Catholico», o Rev.<sup>mo</sup> Padre José da Costa de Oliveira Pinto.

Na idade de 33 annos foi arrebatada, apezar de todos os desvelos, carinhos e orações, no dia 4 do corrente mez d'abril, e ao cabo d'uma inperitente e prolongada doença de 15 mezes, soffrida sempre com a mais heroica e edificante resignação, e sem nunca manifestar a mais leve impaciencia, o que lhe fez ter a morte do justo. E' assim que morrem os que são destinados para o céu.

Pedimos aos leitores do «Progresso Catholico» uma prece por alma da jovem finada. Ao Rev.<sup>mo</sup> Padre José, os nossos sentidos pezames.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

No proximo numero daremos a descriptção das gravuras.

## Declaração

*Toda a correspondencia deve ser dirigida a J. O. Teixeira de Freitas, successores do fallecido Teixeira de Freitas—Centro de Propaganda Catholica—Rua de S. Damazo—Guimarães.*

## Aos nossos bondosos assignantes

*Para não termos de devolver mais indices e capas aos assignantes do 10.<sup>o</sup> anno, e para não haver enganos; pedimos a todos o favor de suspenderem a remessa, por-*

*que o nosso pedido era feito só aos assignantes que principiaram no 11.<sup>o</sup> anno, a quem de nada serviam, e a nós fazia-nos differença.*

A REDACÇÃO.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

As solemnidades religiosas da semana santa foram n'esta cidade, como sempre, esplendidas e magistosas.

Como não podemos assistir a tudo, vamos transcrever da «Religião e Patria» o seguinte:

«As ceremonias na Collegiada foram celebradas com apparato. De tarde cantou-se solemnemente o officio de Endoenças. Da igreja da Misericordia sahio a procissão do Senhor *Ecce Homo*, que entrou em algumas igrejas que se achavam no transitio, e nas quaes havia exposição. A procissão ia em grande numero d'irmãos e em muito boa ordem.

As igrejas onde houve Endoenças e exposição do SS. Sacramento, foram as seguintes:

Collegiada, Santa Clara, Carmo, Capuchos, Trinas, Misericordia, Anjo, S. Paio, S. Domingos, (igreja e capella) S. Sebastião, S. Francisco, (igreja e capella) Santos Passos e Capuchinhas.

Todas estas igrejas se achavam deslumbrantes pela profusão e boa disposição das luzes, distinguindo-se a da Real Irmandade da Misericordia, a de S. Francisco e S. Domingos.

A concorrência de fleis foi numerosa.

Houve na Collegiada a tocante cerimonia do enterro, que foi feita com a costumada magnificencia, achando-se o templo repleto de povo.

Foi orador o nosso amigo e talentoso sacerdote o sr. padre José Antonio Fernandes Guimarães, que, inspirando-se na sublimidade do assumpto e dando largas á sua vivissima imaginação, soube tirar d'elle formosissimos quadros, e mais uma vez deu ao selecto e numeroso auditorio que o escutava, a prova irrecusavel dos seus altos dotes d'orador.»

Retumbou alfim o brado solemnissimo da redempção, baqueou do marmoreo altar o marmoreo idolo! Confirmou-se a Grande Verdade!!!

Está resolvido o problema, fulminada a descrença, corrida a vaidade dos sabios do mundo!

Resuscitou Jesus, como tinha prometido.

Dispamos o rigoroso lucto que vesti-

mos hontem no meio de um coro de suspiros: trajemos galas, que assim o pede este dia festival. Exultemos, christãos! Ergamos o rosto desbotado por tantas amarguras; devemos todos sorrir ao Sol que, despontando formosissimo sobre o Calvario na manhã do terceiro dia, beija, todo coroadado de oiro, a fronte de todos nós!

Resuscitou Jesus, como tinha prometido!

Alguem duvida ainda?

Pergunte pelo Nazareno aos guardas do tumulto, antes que a casta da synagoga os corrompa com dinheiro. Pergunte ao patibulo que se divisa nos zimbórios das cathedraes, no vertice das egrejas, nas capellas das montanhas, no portão dos cemiterios, na testeira das campas, nas margens dos caminhos, nos matagaes das selvas! Pergunte ao Tumulo, que é pobre e vomita riquezas, que é escuro e brilha, que é immovel e anda, que é de pedra e sente! Pergunte ao sudario que cobre todos os pobres, que veste todos os nus, que agazalha a humanidade toda, que é o manto real da civilisação pelo Christianismo.

Patibulo, tumulto e sudario respondem em coro harmonioso: Surrexit Dominus vere! Só os guardas não responderam, nem respondem, porque o dinheiro é a alma da gente vil.....

Exultae, leitores, mas olhae para o lado; porque Judas deixou n'este mundo herdeiros *legitimos*.

O snr. conde de Schoenborn, Arcebispo de Praga, será creado cardeal no proximo consistorio cuja data ainda não está fixada.

O imperador Francisco José pediu esta promoção ao Papa para o irmão do ministro da justiça de Vienna, antigo governador da Moravia.

O Santo Padre apressou-se a responder que acolhia o desejo do Soberano com verdadeiro prazer: *con vero piacere*.

Mons. de Schoenborn pertence a uma das familias mais illustres da Austria. Primeiramente official, depois Padre, estudante em Innsbruck e em Roma, onde corou a sua educação na Academia dos nobres ecclesiasticos, em seguida Bispo de Brunn na Moravia e emfim Arcebispo de Praga, o novo Cardeal representa a politica de conciliação entre os slavos e os allemães, politica que triumphou em 1880, mas de que o governo se afastou em 1884.

Mons. Schoenborn fundou em Roma o collegio bohemio, cujo fim é operar a reconciliação dos slavos e allemães no terreno religioso.

O Santo Padre dirigiu as negociações relativas a esta obra e sustentou-a com sacrificios financeiros.

Nas aguas de Manila naufragou o «Remus», entregando ao seio dos mares a preciosa vida do Padre Pablo Ramon, missionario, da companhia de Jesus. Foi uma perda enorme. Era um sacerdote illustrado, um pensador profundo, um philosopho talentoso, um ramallete de virtudes, um anjo de caridade.

O archipelago ainda verte copiosas lagrimas em memoria d'aquelle martyr.

Estamos no tempo dos folares; offercemos este mimo ao tio Joaquim, bem como aos diversos caixeiros (...) da sua Loja:

Eil-o...

Em 1888 visitaram a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes dous cardeaes: Desprez, arcebispo de Tolosa e Lange-nieux, arcebispo de Reims; o nuncio de Lisboa, Mons. Vanutelli; 74 arcebispos, varios bispos e muitos abbades mitrados.

A Virgem de Lourdes foi adorada fervorosamente por 79,483 peregrinos. Celebraram-se 24,000 missas, nas quaes se ministraram 233,900 communhões. Offerceram 147 coroas, 199 corações de prata, 7 estandartes, 7 casulas, 3 alvas, 43 toalhas, 3 vasos sagrados, grande quantidade de amictos e purificadores, 2 espadas, varios relogios, alguns diamantes etc. etc. etc.

Foram remetidas para diversas partes do mundo 93,525 botelhas de agua. A cura mais notavel foi a de Barbantin. Joven ainda, tinha 16 annos de idade —era surdo-mudo de nascença!!

Gosta da rosca parente?

Hum! não é boa?! Rilhe... rilhe... e dê o resto aos amigos.

O Catholicismo agonisa, está por um fio!! Querem uma prova? Leiam a noticia que segue:

«A peregrinação americana, tendo a sua frente o sr. Bispo de Nashville, Mons. Rademaker, e o rev.<sup>mo</sup> Padre Carlos Vinani de Nazzano, dos Menores Reformados, como presidente effectivo, foi recebida em audiencia pelo Soberano Pontifice. Os diversos grupos da peregrinação foram apresentados pelo rev.<sup>mo</sup> Vissani a Sua Santidade, que dirigiu a cada um em particular palavras de benevolencia paternal. O Soberano Pontifice agradeceu tambem, com muita satisfação, as mensagens de dedicação e as offeras que lhe foram entregues, em nome d'estes diversos grupos, e, dando a todos a sua benção apostolica, dignou-se tambem abençoar a bandeira da peregrinação que vae ser deposta em Jerusalem sobre o Santo Sepulchro.»

Está morto!!!

Escrevem de Roma:

Durante a quaresma de 1886 correu pela imprensa uma estranha noticia. Em Pisa apparecera um frade franciscano que tinha entusiasmado as turbas com a sua palavra, e atrahido ao *Duomo* famoso todas as classes sociaes. Um dia houve um conflicto sanguinoso entre o povo que disputava a entrada no templo, e foi necessario chamar as tropas para sedar o tumulto.

Foi então que pela primeira vez resooou pela Italia o nome de P. Agostinho de Montefeltro. Até então este homem vivia escondido no sagrado retiro de Monte Alverne, entregue á penitencia, á oração, e ao estudo. Só algumas vezes apparecia com o crucifixo na mão entre o povo dos campos e as suas pregações eram fecundas de grandes fructos.

Não deixava o silencio do santo retiro senão para tomar parte nas missões que davam pelas terras da provincia os religiosos de S. Francisco, e apenas Arezzo e Bologna tinham podido admirar a sua vasta sciencia, unida a uma grande virtude.

Mas Deos, que escolhe os humildes para confundir os soberbos, quiz que apparecesse no meio d'uma das sedes mais celebres da sciencia, entre os orgulhosos da sabedoria mudana, um pobre e humilde filho do Patriarcha d'Assis, e alli fosse admirado e aclamado; e da bocca dos doutores materialistas da grande e celebre universidade sahisse o pregão que annunciassse a toda a Italia a fama do grande philosopho e orador franciscano. E desde então as principaes cidades disputaram a fortuna de ouvir a sua voz, e as duas onde a revolução teve já a sua sede, as primeiras capitaes d'Italia, Florença e Turin, foram as que se apressaram a chamal-o antes de todas as outras.

Durante a presente quaresma P. Agostinho de Montefeltro devia pregar em Siena, mas Leão XIII quiz que a sua voz se ouvisse antes de tudo em Roma, e mandou que aqui fosse chamado.

A aparição improvisa d'um homem, que de repente adquire tamanha celebridade e que attrahe as vistas e as sympathias d'aquelles mesmos para os quaes a presença d'um frade é um objecto de odio ou desprezo; o entusiasmo inaudito que por toda a parte se suscitou no meio da juventude que se deixa fascinar pela austera figura d'um pobre franciscano; prestava-se d'uma maneira particular ás biographias phantasticas dos romancistas; e a aureola de poesia de que o circumdrou a immensa popularidade, não podia deixar de dar occasião a contos imaginarios e a estranhas legendas.

E' impossivel resumir tudo o que se tem escripto sobre a vida de P. Agostinho de Montefeltro. A fervida imaginação italiana tem feito d'elle uma figura de romance. Dizem uns que foi um valoroso soldado que verteu o sangue nos campos de batalha; outros narram d'elle aventuras medievaes; outros mais modestamente o retratam como um mancebo infeliz, que tendo em pouco tempo perdido a esposa e os filhos idolatrados, abandonou o mundo e foi refugiar-se no silencio do claustro.

Se alguma cousa ha de verdade em algumas d'estas legendas, não o podemos nós dizer: podemos só affirmar que o seu coração exuberante de sentimento, e a sua fogosa imaginação o arrastaram, como filho de S. Monica, em busca d'um ideal, mas a sua alma andou sempre inquieta em quanto não repousou em Deos.

Um dia, um moço, cheio de ardor e de dotes extraordinarios, batia á porta d'um convento de Franciscanos, e debulhado em lagrimas dizia adeos para sempre ás illusões do mundo: e recordando-se d'outra alma grande que a conversão immortalizou, trocava até o nome e adoptava o de Agostinho. Desde aquelle dia esteve por mais de doze annos a fazer penitencia, e a edificar seus irmãos com provas de rara virtude.

A *Illustrazione Italiana*, referindo-se ás legendas de que se tem circumdado a figura do P. Agostinho, escreve: «Tem-se narrada varias e estranhas legendas da vida de P. Agostinho, mas são todas creações romanticas. Nasceu em Montefeltro e pertence a uma rica familia. Eis aqui o que unicamente se sabe. O resto só elle poderia dizel-o, mas nem os mais indiscretos indagadores de noticias conseguiram nunca fazel-o fallar. Falla só do pulpito com voz doce e sonora, com gestos largos e grandiosos.»

Falla só do pulpito, como diz a revista liberal, e eis aqui o que elle diz do pulpito a respeito do seu passado:

«Ha em mim um motivo especial para trabalhar com ardor em fazer conhecer e amar a verdade, porque já eu tambem tive a desgraça de andar d'ella afastado. Tambem eu, seduzido pelas más leituras, desvairado pelas illusões do mundo, corri infeliz pelos caminhos do erro e da perdição; mas tive a ventura de abrir os olhos e vestir este habito para reparar as minhas culpas, e dei-me a esta vida para illuminar os meus irmãos, porque fiz o proposito de afastar, quanto me fosse possivel, os homens do precipicio e da ruina em que eu tinha cahido. Quero tambem eu contribuir com o meu grãozinho de pó para levantar o grande edificio, e grande será a minha felicidade.»

dade se com as minhas pobres forças poudor contribuir para o triumpho da verdade.»

Assim fallou o P. Agostinho de Montefeltro no exordio do seu primeiro sermão de S. Carlos.

O humilde franciscano continua os seus triumphos em Roma, e a maçonaria vergonhosamente derrotada teve de enrolar as bandeiras e bater em retirada. Os órgãos da seita preparavam-se para, depois do attentado da bomba, annunciar estrondosamente que o pobre frade fora abandonado por todos, e com effeito a *Capitale* começou logo a dizer que o frade estava *reduzido a pregar aos bancos*. Mas a sua sahida excitou a hilaridade universal, muito mais porque contemporaneamente todas as outras folhas annunciavam que P. Agostinho continuava a ser ouvido por uma multidão igual á dos dias precedentes. O golpe que a maçonaria recebeu não podia ser mais terrivel. Os dois órgãos officiaes das seitas tiveram de depôr as armas que tinham empunhado com furor verdadeiramente satânico contra o P. Agostinho. O humilde filho de S. Francisco esmagou os completamente. Os seus triumphos, cada vez maiores, obrigaram-nos a fechar-se no mais profundo silencio. E para avaliar a significação d'este silencio deve notar-se que um d'elles, a *capitale*, não tinha cessado desde o primeiro dia de empregar em todos os numeros ao menos uma columna inteira em ataques violentissimos e de requintada infamia contra o eminente franciscano, e tinha escripto estas textuaes palavras:

«Ha quem não goste da guerra que fazemos ao palrador de S. Carlos, mas nós não desistiremos de atacar esta fama que crearam os clericos e os seus acolytos da imprensa liberal, e á força de golpes havemos de desinchar este balão cheio de vento.» Mas em lugar de desinchar ficou ella desinchada. A *Capitale* callou-se e o P. Agostinho continua a fallar a um povo immenso que todos os dias se apinha no templo, desde o altar mór até fóra das portas.

Infelizmente o P. Agostinho, opprimido pela fadiga, teve de suspender um dia a pregação, mas este mesmo facto deu occasião a que os seus inimigos dessem, de certo sem o advertirem, um testimonho da grande influencia que tem hoje na vida de Roma o humilde franciscano. Os jornaes que não quizeram tornar a fallar d'elle nem dos seus sermões, não deixaram de annunciar que elle tinha deixado de pregar em Roma n'aquelle dia. Tal é a importancia que em Roma se deu áquelle facto, que todos o annunciaram como um acontecimento notavel para a cidade.

*Virgilio de Senna.*

# HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.<sup>a</sup> edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes maes, que conheçam os magnificos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Monica, cuja historia está publicada em 2.<sup>a</sup> edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias lettras.

Se nós conseguissemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as

filhas; que se dêsse ás creancinhas, que o lessem as meninas nos collegios, oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro já está á venda e temos esperanças de que se espalhe hem, como merece.

Forma um volume de 400 paginas aproximadamente, e é impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.<sup>o</sup>

A 1.<sup>a</sup> edição custou 15000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

**500 rs., franca pelo correio**

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem,

custarão **600 reis**. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já te-

vimos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

Conde de Samodães

## O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO

### A' Santissima Virgem Mãe de Deus

NOVO MANUAL PARA OS EXERCICIOS DA DEVOÇÃO N'ESTE MEZ

Com a collaboração poetica

DE

**ANTONIO MOREIRA BELLO**

Com permissão e approvação

DO

Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto

Que concede cem dias de indulgençia por cada leitura da Meditação de um dia

Preço, encadernado **400 reis**

PELO CORREIO—440 REIS

Editor—**José Fructuoso da Fonseca**

A' venda—em Guimarães: na livraria Internacional dos successores de Teixeira de Freitas.—No Porto: nas livrarias dos snrs Joaquim Maria da Costa, Cruz Coutinho, nos Loyos—e nas principaes livrarias.—Em Lisboa: na Casa Catholica, de Silvestre Castanheiro, rua Augusta, 180.